

mais inspirado de Portugal no período trovadoresco, daí ser chamado o Rei-Poeta.

Ordenou que os textos tabeliônicos se escrevessem no idioma comum do país, eliminando a prática tradicional de serem anotados em latim. Inspirou a tradução de importantes obras literárias para o português.

D. Dinis faleceu em Santarém, a 7 de janeiro de 1325, com 64 anos incompletos, reinando por quase meio século.

Devem-lhe muito os reinados seguintes da dinastia afonsina, bem como das dinastias que se lhe sucederam, posto que seu lúcido discernimento político-administrativo definiu, de modo claro e seguro, os caminhos futuros a serem percorridos por Portugal.

Isabel de Aragão

Isabel, a Rainha Santa, é personagem essencial neste livro. Vemo-la e a sentimos em todo o desdobramento dos fatos históricos e de suas consequências.

Recolhe Inês de Castro na Vida Maior, após a tragédia de 7 de janeiro de 1355, amparando-a no Plano Espiritual, do mesmo modo que socorre o neto no plano físico.

Inspira o filho D. Afonso IV e sua esposa, D. Beatriz de Castela, a compreenderem a necessidade do entendimento com D. Pedro, o que leva ao acordo sedimentado nas Pazes de Canaveses.

Diz a história, bem como o próprio espírito de Inês de Castro, em uma de suas mensagens, que a Rainha Santa adotou Afonso Sanches (filho de D. Dinis e de D. Aldonça Rodrigues Telha) qual filho do coração, rogando-lhe que perdoasse ao irmão, Afonso IV, que o hostilizava, enciumado da especial afeição que lhe devotava o rei.

Por causa desse irmão, D. Afonso IV envolveu-se em disputas com o progenitor, o que provocou cinco anos de guerra civil.

A rainha sempre tratou bem os filhos do marido, assim como as respectivas mães. Concededor do caráter da esposa, antes de falecer, D. Dinis a nomeou testamenteira de seus filhos ilegítimos.

Foi companheira de D. Dinis durante o longo reinado de quase meio século e sobreviveu a ele por onze anos.

Um dos mais conhecidos episódios ocorridos com a Rainha Santa no reinado de D. Dinis é o reproduzido no quadro cujas cópias se popularizaram em Portugal e no Brasil:

A célebre pintura eterniza a transformação dos pães — que distribuía às gentes humildes — em rosas, quando, certa feita, D. Dinis, voltando a palácio, a surpreende em contato com a população sofrida.

Guardo uma edição desse quadro em minha sala de trabalho, com imenso carinho, presente de Chico Xavier, que sempre frisou seu respeito e admiração por Isabel de Aragão.

Colhi, a propósito, a uma culta senhora portuguesa, residente no Brasil, muito afeita às

tradições de sua terra, o relato tal qual ela o ouvira em sua distante infância, nos arredores de Coimbra.

Conta-se em Portugal que a rainha Isabel ajudava os pobres nos fundos do palácio e trazia os pães amontoados no avental, quando chegou o rei, retornando de uma caçada, acompanhado de seus cavaleiros.

D. Dinis, afeito aos gestos caridosos da esposa, indaga-lhe:

— O que trazes aí, Senhora?

— São rosas, Senhor!

— Rosas em janeiro? Isso é um milagre.

Deixa-me ver.

Isabel abre o avental, e rosas se espalham pelo chão...

E o povo todo se ajoelhou diante da nobre senhora.

Isabel reconstruiu, nos idos de 1317, com muita dificuldade, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, e, a respeito, Mário Domingues nos fala de outro milagre, cultivado pelo imaginário popular:

A sua dedicação cria lendas, como a que se conta de certa vez que, não tendo dinheiro com que pagar a fórmula aos cantoneiros, lhes pediu que se

contentassem em aceitar cada um, como sinal de boa vontade em pagar, uma simples flor. E quando eles voltaram aos seus lares, viram que a flor se transformara num dobrão de ouro.

Dignificou sua condição de rainha, seguindo os ditames do coração e da fé. Enquanto D. Dinis administrava sabiamente o reino, Isabel se dedicava aos pobres, ao socorro de mães e crianças, semeando na alma do povo o amor que, desde aqueles tempos, enaltece a gente portuguesa.

Eduardo de Matos, em *O Anjo de Portugal*, chama-lhe Anjo da Caridade, descrevendo situações que enfatizam sua condição de Missionária de Jesus na Terra.

Entre outros relatos, lembra que, aos pobres que a visitavam com frequência no palácio real, recebia-os a todos e dava ordens aos seus mordomos para que nunca deixassem sem assistência pessoa alguma que a procurasse.

Auxiliava os enfermos em seus lares e nos hospitais, pensava-lhes as feridas e fazia, pessoalmente, os curativos e serviços mais humildes.

A referência à cura que coloco a seguir

com pequena simplificação de texto é de José Joaquim Nunes e foi-nos gentilmente relatada por Maria José Cunha, de Portugal, docente de História e estudiosa de Isabel de Aragão:

No dia da Ceia do Senhor, todos os anos, a Rainha lavava os pés a certas mulheres. Numa das vezes, quando ainda D. Dinis era vivo, atendeu uma das mulheres que tinha um pé com gangrena e os dedos quase se desprendendo, mas a mulher queria apenas colocar na bacia o outro pé saudável, ao que a Rainha disse:

— Amiga, ponde o outro pé na bacia.

E a pobre respondeu:

— Senhora, não é para lavar.

A Rainha ordenou que fosse colocado o pé doente da mulher na bacia. Quando o fez, as presentes assustaram-se com o aspecto do mesmo e recuaram, mas a Rainha lavou-o, sem hesitar, limpou com a toalha e o beijou. A mulher, sentindo-se sã e curada do pé, retirou-se, comentando que desde o beijo da rainha deixara de sentir dor.

Fundou em Coimbra o Hospital Santa Isabel de Hungria, sua tia avó, em que pessoalmente assistia os enfermos.

Respeitada também como Anjo da Paz,

Isabel não apenas promoveu a harmonia entre o marido, D. Dinis, e o filho e sucessor Afonso IV, como buscou de todas as formas o entendimento entre Afonso IV e seu irmão bastardo, Afonso Sanches, e procurou selar alianças de paz entre os reinos da Península Ibérica (Portugal, Castela e Aragão), governados por familiares seus.

Procurou incutir no coração do neto, D. Pedro, o amor à paz, à justiça e aos deserdados da fortuna.

Nasceu Isabel em Saragoça, reino de Aragão, em 1271 e faleceu em Portugal, já durante o reinado do filho, em 1336, na cidade de Estremoz, a mesma em que morreria mais tarde o neto D. Pedro.

Filha do rei Pedro III de Aragão e de Constança, rainha da Sicília, dois de seus cinco irmãos foram reis aragoneses e um, soberano da Sicília.

Casou-se com D. Dinis em 1282 e, com o falecimento do marido, aproximou-se ainda mais do convento de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, que, graças a Isabel, pôde ser erigido para albergar a Ordem das Clarissas, por ela introduzida em Portugal.

Beatificada em 1516, foi declarada santa em 1625.

De seus milagres, de suas curas e de sua santificação falam com exuberância os conceituados hagiólogos.

Ao longo dos séculos que sucedem aos episódios narrados neste livro, do Plano Espiritual, a par de suas elevadas funções, acompanha a trajetória do filho, do neto e de Inês de Castro, que se tornou sua dedicada companheira na implantação da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra.